

REFLETINDO SOBRE A OFERTA COLETIVA DE CURSO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL NA PARCERIA UFPEL-UNIPAMPA

**MARLISE BUCHWEITZ¹; MARIANA SANTANA FALKOWSKI²; FLÁVIA
AZAMBUJA³; SARA MORAES ROCHA⁴; CLARA DORNELLES⁵; HELENA
VITALINA SELBACH⁶**

¹*Universidade Federal de Pelotas – marlisebuchweitz@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – mari_s_falkowski@outlook.com*

³*Universidade Federal do Pampa – alvesazambujaflavia@gmail.com*

⁴*Universidade Federal do Pampa – sararocha.aluno@unipampa.edu.br*

⁵*Universidade Federal do Pampa – claradornelles@unipampa.edu.br*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – helena.selbach@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Sendo uma das prerrogativas da Rede Andifes o desenvolvimento da proficiência linguística de estudantes internacionais em Português como Língua Adicional (PLA)¹, visando a contribuir para o desenvolvimento de uma política linguística para o Brasil (ANDIFES, 2019), é também incentivada a oferta coletiva entre Instituições de Ensino Superior (IES) que possuam núcleos do Idiomas sem Fronteiras (IsF). Desta forma, no presente trabalho, discutimos a implementação de um curso de PLA para estudantes internacionais da Oferta Coletiva da Rede Andifes, numa parceria entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Trata-se do curso “A formação da cultura brasileira: um olhar por meio da ficção”, com carga horária de 16h e nível A2.

O ato de ensinar PLA e também aprender com estudantes internacionais está baseado numa construção linguística a partir da interculturalidade, considerando o contexto e a realidade de cada cursista. Assim, foram construídas aulas numa proposta de contribuição por parte dos cursistas e de busca, por parte das professoras do curso, “de textos que circulam socialmente, para que os estudantes possam compreender como aspectos linguísticos podem evidenciar questões culturais e mesmo interferir em relações de poder e justiça social” (AZAMBUJA; DORNELLES; COSTA, 2021, p. 300) a partir de uma perspectiva de ensino baseada em gêneros do discurso (BRASIL, 2020). Partindo de situações comunicativas específicas, ativam-se recursos linguísticos e discursivos que fazem sentido para o estudante internacional em dada situação, os quais são então ampliados a partir da relação intercultural.

O curso foi ministrado de forma virtual, síncrona, com contribuição de cinco professoras, sendo três da UFPel e duas da UNIPAMPA, e uma professora orientadora de cada um dos núcleos IsF. A modalidade de docência compartilhada contribuiu para um trabalho de aprendizagem e “parceria entre professores mais e menos experientes, que são convidados a participarem ativa e criticamente na

¹Conforme SELBACH, LÖFF MACHADO E SIGALES-GONÇALVES (no prelo), usamos o termo língua adicional “(em oposição à “língua estrangeira” ou “L2” [segunda língua]), proposto inicialmente por JUDD, TAN E WALBERG (2001), [como] indicador desse contexto contemporâneo cada vez mais complexo no qual: Os estudantes podem na verdade estar aprendendo não uma segunda, mas uma terceira ou quarta língua. [...] O termo “estrangeira” também pode sugerir algo estranho, exótico ou, talvez, alienígena, todas conotações indesejáveis. (JUDD; TAN; WALBERG, 2001, p. 6).“



negociação de suas próprias identidades”, além do olhar de que “todos são capazes e podem contribuir e que possuem diferentes perspectivas e repertórios de conhecimentos” (AZAMBUJA; DORNELLES; COSTA, 2021, p. 304).

Além disso, a experiência de docência compartilhada contribui para o ensino da língua-cultura que, segundo MENDES (2015, p. 2018), propõe uma visão que vai além do ensino dos aspectos funcionais da língua e que também envolve “um conjunto de códigos sociais e culturais, inscritos em processos históricos mais amplos e que não podem ser negligenciados”. Ou seja, a partir da docência compartilhada, se torna possível evidenciar as oportunidades de socializar diferentes representações dessa língua-cultura com os alunos, o que se torna ainda mais relevante no contexto específico do curso, que trata dos aspectos culturais brasileiros por meio dos diferentes olhares expressos, indo além dos que são trabalhados a partir da literatura contemporânea e também refletindo as experiências e identidades docentes.

2. METODOLOGIA

Pensando na permanência dos cursistas do início ao fim do curso ofertado e na possibilidade de mobilizar novos gêneros e temáticas relacionados à formação da cultura brasileira pelo viés da ficção, propusemos um novo curso com carga horária de 16h. Entendemos que, muitas vezes, cursos longos, síncronos ou presenciais, ofertados no período de dois meses ou mais, podem contribuir para a evasão de cursistas, devido a inúmeros fatores. Também, consideramos a situação climática do nosso estado neste ano de 2024, o que causou suspensão de atividades acadêmicas e poderia ainda trazer outras consequências por conta de muita chuva e alagamentos. Assim, para a efetivação deste curso de 16h, revisitamos e reorganizamos a ementa de 32h, buscando possibilidades de um conteúdo viável para um mês de aulas, com quatro aulas de 4h ao total, sem simplificar a proposta.

O curso de 32h era previsto para estudantes de nível B2, a qual foi avaliado e considerado para se pensar o trabalho com cursistas de nível A2. A partir do plano de curso prévio, o grupo de professoras construiu o novo plano que não apenas alterou a carga horária, mas também compreendeu outros gêneros textuais - as lendas, os contos populares, os poemas e mitos. O novo plano foi enviado à coordenação nacional e avaliado pelos orientadores especialistas na área de PLA.

Com a aprovação do curso e a sua incorporação ao catálogo nacional de cursos de PLA, foram recebidas 17 inscrições, sendo que 8 cursistas participaram das aulas e 7 concluíram o curso. Ressalta-se que duas inscrições eram de pessoas de nacionalidade brasileira, as quais foram informadas sobre o público-alvo do curso ser estudantes internacionais; os demais inscritos não fizeram *login* na plataforma e também não informaram motivação para a desistência. O curso foi construído na plataforma Moodle da UNIPAMPA, e a plataforma Google Meet foi utilizada para os encontros síncronos semanais. As aulas ocorreram das 18h às 22h, nas segundas-feiras do mês de setembro, sendo que as professoras se dividiram na mediação em diferentes momentos da aula, sempre com uma professora realizando a devolutiva da pré-tarefa e outras duas conduzindo as atividades da aula do dia, numa organização tal que todas as professoras puderam atuar em um dos momentos ao longo das quatro semanas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Inicialmente, em reunião do grupo de professoras, foi trazida a experiência prévia das professoras da UNIPAMPA (que já haviam ministrado o curso de 32h) de uma atividade com lendas. O relato contribuiu para o direcionamento dos gêneros literários a serem trabalhados no curso de 16h proposto.

As diferenças mais importantes de um plano de curso para o outro, visando a uma formação da cultura brasileira com base em aspectos sociais, foi a utilização de lendas, mitos e contos populares em adição a outros textos multimodais que permitissem refletir sobre determinada questão linguística. Deste modo, foram trabalhadas quatro temáticas ao longo do curso, uma para cada semana: 1) Os povos originários e a representação da onça; 2) Os negros escravizados e sua cultura; 3) Culturas dos imigrantes no Brasil por meio de suas histórias; 4) Regiões do Brasil e tipos regionais.

Considerando estas temáticas, foram escolhidos, então, gêneros e atividades que convergissem para uma reflexão crítica acerca da formação da cultura brasileira. Para que essa reflexão pudesse ser significativa para os estudantes, a realização de pré-tarefas direcionava o tema da aula e também permitia uma ativação e/ou ampliação do conhecimento prévio a partir de uma identificação pessoal. Assim, para cada uma das aulas, os cursistas foram convidados a realizar as pré-tarefas.

A partir dos retornos dos cursistas para cada uma das pré-tarefas, a devolutiva ocorria no início das aulas, momento em que se realizava o encaminhamento para o tema da aula. Assim, ao refletir sobre a imagem do brasileiro que cada um possui em seu imaginário – comprovada ou não, pois alguns dos cursistas ainda não estiveram pessoalmente no Brasil – foi feito o direcionamento para se pensar as origens do país enquanto nação e a etnia mais antiga, dos indígenas, povos que ainda mantêm sua cultura e contribuem efetivamente para sermos quem somos hoje, apesar do aniquilamento e das lutas que precisam travar com os sujeitos que se apropriaram de suas terras.

Quando solicitados a apresentar uma lenda de seu país, os cursistas também foram convidados a analisar o motivo da popularidade da lenda escolhida e qual o papel de histórias como mitos e lendas em cada uma das culturas. Mencionamos que tivemos cursistas do Uruguai, da Colômbia e do Peru, por exemplo.

Ao direcionar a discussão para refletir sobre as regiões e os tipos regionais brasileiros, previamente os cursistas apresentaram um aspecto cultural de uma região do Brasil, e relacionaram a noção de região em seu país com a nossa. Neste dia, um cursista natural da Alemanha informou que em seu país há uma expressão com o sentido de “tão longe quanto o Pampa”, em referência ao nosso bioma Pampa, o que lhe permitiu proximidade de compreensão quando foi discutido o tipo regional gaúcho.

4. CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, discutimos a implementação do curso “A formação da cultura brasileira: um olhar por meio da ficção” da Oferta Coletiva da Rede Andifes, realizada por meio de uma parceria entre a UFPel e a UNIPAMPA. Ao realizarmos um trabalho conjunto na modalidade de docência compartilhada, pudemos, cada uma das professoras, realizar trocas com as demais e também a partir das contribuições trazidas pelos cursistas. Aprendemos enquanto negociávamos nossos papéis tanto no planejamento quanto em aula e fomos desenvolvendo uma intimidade, muitas vezes sendo difícil saber como a outra professora lidaria com

uma intervenção em aula, por exemplo. Assim, na mediação do conhecimento e das formas de atuar de cada uma, fomos construindo estratégias para o bom funcionamento das aulas, também pensando no cuidado em comunicar a proposta da aula e a construção das atividades aos cursistas.

Direcionar a aprendizagem da formação da cultura brasileira para uma discussão intercultural a partir de mitos, lendas e contos populares trouxe reflexões e contribuições importantes para as aulas, tais como as versões de uma mesma lenda em diferentes países e em diferentes estados brasileiros. Também, a partir da escolha das temáticas, foi possível uma percepção da formação da cultura brasileira que compartilha elementos em comum nos países latino-americanos. Essa característica traz aproximação intercultural para o estudante internacional de PLA, pois ele consegue se sentir parte da reflexão sobre a outra cultura que tem elementos similares à sua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES. Resolução do Conselho Pleno da Andifes nº 1/2019. Andifes, Brasília, 2019. Acessado em 01 out. 2024. Online. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Resolucao-Conselho-Pleno-01_2019.pdf.

AZAMBUJA, Flávia; DORNELLES, Clara; COSTA, Everton Vargas da. A análise linguística intercultural em eventos de formação de professoras de Português como Língua de Acolhimento. **Scripta**, v. 25, n. 53, p. 295-328, 2021.

BRASIL. Documento base do Celpe-Bras. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasilia, 2020. Acessado em 08 out. 2024. Online. Disponível em <https://www.ufrgs.br/acervocelpebras/wp-content/uploads/2021/12/Documento-base-do-exame-Celpe-Bras-2020.pdf>.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. **EntreLínguas**, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203-221, 2015.

SELBACH, H. V.; LÖFF MACHADO, L.; SIGALES-GONÇALVES, J. S. Ações de políticas linguísticas de internacionalização na Universidade Federal de Pelotas. (No prelo).